

**TRAMA - FESTIVAL DE ARTES PERFORMATIVAS
5ª EDIÇÃO****QUINTA-FEIRA, 14 OUTUBRO****10h-24h (de 14 a 17 de Outubro)****CHRISTINA KUBISCH** com o projecto “Electric Walks Porto” [DE]

Local: Almada Guest House

Christina Kubisch é justamente reconhecida como um dos expoentes máximos da primeira geração de artistas sonoros. Natural de Bremen, na Alemanha, ela integra o grupo crescente de artistas que protagonizam o universo difuso das práticas artísticas que se reúnem sob a chancela de Arte Sonora, e assim enquadrável no mundo oferecido pela intersecção do agenciamento artístico do som, com a escultura, a arquitectura, a performance, o cinema e o vídeo, etc. Ao retirar-se do centro da obra enquanto performer e ao induzir o espectador a agir fora de um quadro sequencial de acontecimentos, Kubisch transfere a dimensão performativa para o espectador e investe-o do seu próprio tempo e do seu próprio ponto de vista. Esta diluição das hierarquias entre artista e espectador/ouvinte é ainda mais acentuada na série de passeios sonoros *Electrical Walks*, que inicia em 2003. Aqui, o público, munido de auscultadores electromagnéticos, pode passear por uma cidade ou área e ouvir sons que de outra forma não seriam detectados – sons de câmaras de vigilância, telemóveis, transformadores e outros, em alternativa à prática anteriormente por ela realizada de utilização de emissores para introduzir sons específicos nos cabos eléctricos das suas instalações sonoras.

O trabalho preparatório de Kubisch envolve a investigação para a delineação de um mapa inscrito na baixa da cidade do Porto onde são marcados os diferentes ambientes sonoros a partir dos quais se propõem diferentes rotas e locais considerados especialmente interessantes pela artista. Este mapa serve também o propósito de ajudar o espectador/ouvinte a familiarizar-se com o uso dos auscultadores, na medida em que fornece pistas sobre os sons potencialmente audíveis num dado local, mas que poderão exigir uma maior ou menor proximidade dos objectos emissores. A audição de alguns deles poderá implicar que o ouvinte quase encoste a cabeça ao emissor, enquanto outros poderão ter uma intensidade tal que provoque o distanciamento em relação à sua fonte.

Os auscultadores são os operadores da magia dos *Electrical Walks*, transportando-nos para uma realidade supra-humana, onde já não ouvimos os telemóveis para atender uma chamada, apenas e simplesmente ouvimos atentamente uma vida secreta dos telemóveis; já não ouvimos as teclas enquanto digitamos o código ou o contar das notas que vão sair da caixa multibanco, ouvimos a caixa multibanco. Sobre as promessas da visão, inscreve-se assim uma banda sonora surpreendente e assíncrona com as expectativas geradas, desde já pelo efeito divergente implicado na utilização de auscultadores, que definem para o espectador uma posição estranha à sua posição física: os espaços acústicos correspondentes ao campo visual contrastam com a intimidade do espaço de audição.

Mais info:

<http://www.christinakubisch.de>

Agradecimentos: Jonathan Saldanha e Filipe Silva

Nota: O público deverá levantar os auscultadores e o mapa do percurso proposto na Almada Guest House.

21h30**THOMAS KÖNER** com a peça “The Futurist Manifesto” [DE]

Local: Mosteiro de S. Bento da Vitória

A ópera digital *The Futurist Manifesto* é um contra-manifesto dirigido ao texto com o mesmo título de Filippo Tommaso Marinetti, tendo o século - que entretanto passou desde a sua publicação - como testemunha.

Como elementos constitutivos da sua composição são colocados em acção três níveis, em constante comunicação através de uma rede de software: o passado (uma situação imaginária de há cem anos atrás, simbolizado pelo piano); o presente (o conhecimento da realidade actual e do que se passou durante cem anos, simbolizado pela voz); e o futuro (a evocação de forças visionárias, que libertam impulsos apontados a cem anos a partir de agora, simbolizado pelo vídeo).

Os sinais áudio dos performers alimentam uma rede de software onde são processados, transformados e espacializados. O piano é equipado com vários microfones e não é tocado nas suas teclas mas antes com vários instrumentos e máquinas no seu interior. A voz é tratada electronicamente e controlada ao vivo. As aparições vídeo são construídas com recurso exclusivo a material de arquivo que data de um período anterior a 1909, elementos de trechos mostrados nos cinemas no tempo em que Marinetti escreveu o manifesto e que provavelmente ele viu. Esses trechos em cru foram transformados, reprojectados e reajustados no tempo, desacelerados de forma extrema e organizados em 100 módulos diferentes para se tornarem a matéria-prima para os processos visuais da ópera. As imagens projectadas no ecrã assemelham-se a uma memória que é composta por um conjunto de impressões visuais com cem anos de idade. A audiência vê imagens despoletadas ao vivo pela rede sonora, como que percebidas directamente na memória visual de Marinetti, enquanto este tenta olhar para trás cem anos: um espaço desvanecido, decomposto, incerto e lúgubre, preenchido principalmente pelo ego dos futuristas, personificado pela imagem em movimento de um culturista de 1909.

A apoteose da velocidade é a sua implosão: o tempo da ópera digital é estabelecido a quatro batidas por minuto. Este derradeiro *groove* é, na verdade, perceptível, mas apenas daqui a centenas de anos, por aqueles que olharem para trás, para nós: uma visão desafiadora que se dirige ao futuro, quando os nossos descendentes estiverem a dançar ao ritmo, hoje inconcebível, de quatro batidas por minuto.

Mais info:

www.koener.de<http://www.myspace.com/thomaskoner>**23h00****THE SONS OF GOD** com a peça “Perform a Miracle” [SE]

Local: Lófte

Observando os percursos dos artistas suecos Leif Elggren e de Kent Tankred verificamos que estes atravessam vários media (as artes visuais, o texto, a performance, a música e a arte sonora), no exercício de uma prática artística onde estes se combinam e fundem em várias formas. A carreira artística de Elggren iniciou-se com o desenho e as artes gráficas em meados dos anos 70. No final dessa década começa a trabalhar com performance, altura em que conhece Thomas Liljenberg e inicia o projecto de Firework (1978), designação sob a qual realizam várias exposições e performances. Em resultado da discussão filosófica que enformou a essência deste trabalho, criou-se a editora Firework

Editions (1979), que desde então tem trazido a público exposições, livros e outras publicações escritas, bem como múltiplos de objectos e discos, não só dos fundadores mas também de vários artistas colaboradores.

A carreira artística de Kent Tankred é mais difícil de traçar. Em meados dos anos 1980, ele já realizava pinturas e música experimental há alguns anos sobre os auspícios da Fylkingen, a ilustre instituição de Estocolmo para a apresentação de música experimental e práticas artísticas que misturavam vários media. Tankred esteve também na base da criação do Konkresizer, um instrumento de teclado que diferia do sintetizador na medida em que permitia ver como os sons eram realizados.

Elggren e Tankred trabalham juntos desde 1985 e formaram o projecto The Sons of God em 1988, um grupo que é simultaneamente de música electrónica experimental, de performance e instalação.

Mais info:

<http://www.thesonsofgod.se/>

23h30

ANTÓNIO CONTADOR [PT] com o projecto “J’ai Bien Détruit Ta Lettre/ Cá Destruí A Tua Carta”

Local: Lófte

«Um molho de cartas pessoais que recebi durante anos de pessoas amigas vai ser lido em voz alta. No final de cada leitura, a carta é introduzida numa destruidora de documentos. Os restos das cartas assim desfeitas serão colocados num saco próprio para destruir documentos que será atado no fim da performance e onde será escrito com marcador preto: o título da performance, o nome do artista, a marca e o modelo da destruidora utilizada, o número de cartas lidas, a data e o local da leitura e destruição.»

Em Paris, onde vivo, ganhei o hábito de frequentar feiras de velharias. Compro aí com regularidade cartas pessoais que os feirantes devem encontrar no recheio das casas deixadas vagas aquando da morte do inquilino, e que costumam adquirir para depois venderem aos molhos ou a retalho. São cartas de amor, correspondência de guerra, cartas que relatam coisas banais ou peripécias mais ou menos rocambolescas, cartas alegres, sofridas, angustiadas.

J'ai bien détruit ta lettre/Cá destruí a tua carta é uma performance onde essas cartas pessoais de anónimos são lidas pela última vez, destruídas e inumadas num saco próprio para destruidora de documentos. Mas desta vez a proposta é ler cartas minhas. Cartas escritas por várias pessoas que me foram sendo próximas, outras que amei, outras ainda com quem partilhei sofrimento e angústia a uma dada altura da minha vida. Umas continuam próximas, outras não.

Texto de A. Contador

Mais info:

<http://www.antoniocontador.net/>

SEXTA-FEIRA, 15 OUTUBRO**18h00****TIM OLIVE E ALFREDO COSTA MONTEIRO [CAN/PT]**

Local: Matéria Prima

Este duo recém-formado, nasceu a partir de várias colaborações à distância, entre Barcelona e Osaka, até se materializar numa tournée no Japão em 2010. É um projecto de natureza decididamente doméstica que oscila entre texturas densas, cortes bruscos e dinâmicas imprevisíveis, desenvolvendo frequentemente atmosferas obscuras que se decompõem constantemente em massas sonoras desagregadas: o caos e a ordem são medidos, mas sempre bem-vindos. Tim Olive é natural do Canadá, onde aos 12 anos, nos anos 1970, começava a sua formação musical no baixo eléctrico.

A mudança de um ambiente rural para a cidade com o acesso facilitado as lojas de discos permitiram a Olive, descobrir o free jazz, a música electrónica e concreta e a música asiática. Começou por importar estas descobertas para o seio do rock, mas logo foi abrindo as suas fronteiras musicais a formas abstractas, à improvisação e à exploração das possibilidades sonoras que se ofereciam nas cordas de metal e nos microfones magnéticos.

Desde então a sua carreira expandiu-se com intensa actividade nos Estados Unidos, Austrália e Japão, e em variadíssimas colaborações em estúdio e ao vivo, com Jeffrey Allport, Alexandre Babel, David Brown, Kelly Churko, Tom Hall, Anthony Guerra, Takahiro Kawaguchi, Shinichi Isohata, Katsura Mouri (Busratch), Takuji Naka (Culpis), Bunsho Nishikawa, Joel Stern, Adam Sussman e também com o portuense radicado em Barcelona, Alfredo Costa Monteiro, entre outras.

Após ter terminado os seus estudos em escultura e multimédia com Christian Boltanski na École des Beaux-Arts de Paris, em 1992, Costa Monteiro tem desenvolvido actividades múltiplas que abarcam instalações, poesia sonora e visual e arte sonora.

Nas suas obras, podemos testemunhar um interesse por processos instáveis na manipulação de objectos enquanto instrumentos e de instrumentos enquanto objectos, marcados por um forte carácter fenomenológico.

Para além da sua extensa discografia e exposições individuais e colectivas, tem vindo, desde 2001, a colaborar com numerosos músicos, coreógrafos, bailarinos e artistas da área do vídeo. Entre 2001 e 2008 foi membro de IBA col.lectiu d'improvisació, e é actualmente membro de Cremaster (com Ferran Fages), i treni inertí (com Ruth Barberán), Octante (com Fages, Barbéran e Margarida Garcia), atolón (com Fages e Barberán), tellus (com Pilar Subirá) e monolith (com Juan Matos Capote). Colabora frequentemente com Tim Olive, Michel Doneda e Pascal Battus.

No campo da poesia sonora, trabalha habitualmente a solo, realizando leituras políglotas e 'ruidistas'. Em 2005 a Fundación 30Km/s de Barcelona editou uma compilação dos seus poemas fonéticos /visual intitulado "Axiomáticas".

Mais info:<http://www.myspace.com/timolive><http://www.costamonteiro.net/>

21h00

MASSIMO FURLAN com a peça “Furlan/ numero 8” [CH]

Local: Estádio do Dragão

20h00 abertura de portas

20h30 sintonização dos rádios na frequência

21h00 discurso do Presidente da FC Porto SAD e início do espectáculo

Nota: O público deverá fazer-se acompanhar obrigatoriamente de um pequeno rádio

O relato será emitido na frequência 102.1FM

Massimo Furlan

Filho de pais italianos, Massimo Furlan nasceu em 1965, em Lausanne.

Depois de uma formação na Escola de Belas Artes em Lausanne (1984-1988), inicia um ciclo de trabalhos assentes na temática da memória e do esquecimento. Expõe regularmente desde 1987. Interessa-se pela representação cénica e colabora com várias companhias de dança e teatro.

Em 2003, funda Numero 23 Prod, concentrando o seu trabalho criativo na performance e instalação. Nesse período, são criados os projectos *Furlan Numero 23*, *International Airport*, *(Love Sory) Superman*, *Palo Alto*, *Numéro 10* e *Les filles et les garçons*.

A construção

A biografia é o fio condutor dos diferentes projectos de Massimo Furlan. Uma história simples e banal, a de uma criança de pais italianos, nascida na Suíça, a de um adolescente como qualquer outro. O seu desejo não é o falar de si por si, como qualquer coisa particular. As lembranças evocadas são de todos, de uma geração nascida a meio dos anos 60. O trabalho é centrado na questão da memória. Os projectos nascem de uma imagem-memória: a fotografia de um cantor que se encontra no quarto da sua irmã (*Je Rêve/je tombe* e *Leave me /Love me*); os momentos entre os quais, em criança, jogava futebol sozinho no seu quarto, escutando os jogos na rádio (*Furlan/Numero 23* e *Numero 10*); ou então quando, antes de se deitar, de pijama e com um lenço à volta do pescoço, sonhava ser um Super Herói (*love story*); *Superman*); ou ainda, quando adolescente se apaixonava por uma rapariga e não sabia o que lhe dizer (*Gran Canyon Solitude*, *les filles et les garçons*).

Não se colocando a questão dos limites entre os géneros, as suas performances são constituídas de “imagens longas”. São imagens quase imóveis, com acções muito simples - um gesto, um movimento, um olhar permanecendo muito tempo frente ao espectador, obrigando-o a entrar, a dar-lhe sentido: a construir a sua própria leitura.

Ao longo das suas criações, Massimo questiona o acto de representação: revisita os ícones, aborda a questão do insucesso e de desvio entre o modelo e a realidade, produzindo um efeito burlesco e poético.

A escolha dos lugares

Cada projecto propõe uma reflexão sobre o lugar e instaura um espaço próprio.

O lugar depende da história, do anedótico e da visão por ele gerada.

Para o projecto *Furlan/numero 8*, o lugar era o estádio quando era criança, sonhava ser um grande campeão de futebol e de ganhar o campeonato, ou melhor, a taça do mundo. Eu sonhava tudo isso, fechado no meu quarto, escutando os jogos em directo da rádio. Mimava todas as acções descritas pelos comentadores com uma pequena bola”.

Para falar desta memória, o desejo foi utilizar um verdadeiro estádio - o Estádio do Dragão e sede do Futebol Clube do Porto, com um verdadeiro comentador, uma verdadeira

transmissão em directo e claro, um verdadeiro jogo integral. Os espectadores são convidados a vir ao estádio para ver um jogo com um único jogador.

O tempo da imagem

O conceito de tempo é fundamental no trabalho cénico.

Furlan/ numero 8 é em si uma única imagem. Dura 90', o tempo de um jogo de futebol integral. O projecto retoma um jogo muito conhecido: Bayern Club/ Munique - Futebol Clube do Porto de 1987 mas jogado por um único protagonista - Furlan. É uma imagem única da qual conhecemos, desde já, toda a história. É como uma forma que vemos imediatamente na sua totalidade. Depois olhamos melhor, visitamo-la, e recomeçamos. Para isso, é necessário tempo.

O lugar do espectador

Localizando o espectador em posições específicas que lhes revelam lembranças, há um efeito de multiplicação, de partilha de uma memória comum, de alguma coisa de colectivo e ao mesmo tempo de pessoal.

As imagens construídas deixam espaço ao espectador, ao seu imaginário. Em *Furlan/ Numero 8*, o público da arte contemporânea e do teatro, considerado como muito reservado, coloca-se como público apoiante, empenhado e caloroso, durante os 90 minutos do jogo. O público da performance toma o lugar do público futebolista. Não importa quem tem uma memória ou uma experiência que o liga à infância ou ao mundo do futebol. *Furlan/ numero 8* é sem dúvida a tentativa solitária de entrar na história, de uma forma tão patética e cómica - quanto espectacular e simples, realizada na expectativa de que cada pessoa do público encontre um caminho individual em relação à sua própria história pessoal.

Mais info:

<http://www.massimofurlan.com/>

Música inicial e do intervalo compilada por Hang the DJ

23h00

DIRTY HONKERS [DE]

Local: Clube de Bridge do Porto

Sediado em Berlim, Dirty Honkers é filho da prole gerada pelo embate entre dois planetas: o produtor de hip hop israelita Gad Hinkis e os saxofonistas Andrea Roberts do Canadá e Florent Mannant de França. Este grupo multi-nacional combina elementos de electrónica com swing, coroando a mistura com raps, vozes sensuais e as melodias bem-dispostas das big bands. O resultado é explosivo, elevando a novas esferas o género 'electro-swing' que terá surgido com o famoso tema de Mr. Scruff *Get A Move On*.

Os três músicos uniram esforços para criar o projecto Dirty Honkers em 2009. Imediatamente começaram a compor e produzir canções e no espaço de um mês apresentavam-se ao vivo em vários espaços de Berlim com poderosas actuações repletas de energia e originalidade. As influências são muitas, do jazz ao 'jungle', passando por vários ritmos que reconhecemos do historial da música electrónica, numa viagem estonteante entre o clube de dança dos nossos dias e os velhos tempos do 'jazz swing'.

Mais info:

<http://www.myspace.com/dirtyhonkers>

SÁBADO, 16 OUTUBRO

15h30

CLAUDIA DIAS [PT], com a peça “23+1”

Local: Serralves (Sala Multiusos)

Uma instalação performativa que parte essencialmente da vida e obra de Maria Veleda, mulher pioneira na luta pela educação das crianças e os direitos das mulheres. Uma imagem fotográfica em tamanho real deixa vago o lugar de Veleda, essa que foi uma das mais importantes dirigentes do primeiro movimento feminista português. Um lugar a ocupar por um trabalho de integração do corpo real na imagem. Os textos de Maria Veleda dão som a esta obra.

“Actualizar esta fotografia num contexto contemporâneo serviu-nos como ponto de partida para uma instalação/performance que nos permite repensar a pertinência do discurso feminista nos dias de hoje.

Lançámos o convite a 23 homens e 23 mulheres para serem fotografados por António Coelho. Reproduzimos a fotografia original deixando o lugar de Maria Veleda vazio.

(...) Lugar onde se assume o legado de Maria Veleda cuja acção e pensamento foram relativamente esquecidos ou confinados a arquivos e estudos de especialidade.

A partir de artigos, discursos e intervenções de Veleda construímos um texto que interpela todas as mulheres espectadoras a serem agentes activos da própria performance. O gesto é sempre o mesmo: sentarem-se na cadeira e permitirem que esse momento seja registado pela lente do fotógrafo”.

Texto de Cláudia Dias

Em resultado do convite da Comissão para as Comemorações do Centenário da República cria a instalação performativa “23+1” para o Programa Solos com Convicção, com concepção de Madalena Vitorino.

16h30

THOMAS KÖNER [DE], com a peça “La Barca”

Local: Casa de Serralves

Thomas Köner é um artista multimédia natural de Bochum na Alemanha, tendo estudado música na Escola de Música de Dortmund e música electrónica no CEM-Studio em Arnhem (Holanda). Até 1994, trabalhou como editor e engenheiro de som na produção de filmes. Para material sonoro, Köner recorre normalmente aos “pequenos sons”, aos sons que ouvimos não intencionalmente e também à amplificação de sons muito silenciosos, numa procura da beleza em situações normalmente não consideradas belas (e que aplica igualmente no trabalho com imagens, na criação de trabalhos audiovisuais, instalações e vídeos). A escolha das suas fontes sonoras e a economia dos meios da sua produção musical reflecte igualmente o repúdio da velocidade e dos meios excessivos da sociedade contemporânea. Assim, o trabalho de Köner passa por isolar, magnificar e moldar sons de gravações em expansões de som que deformam a passagem do tempo, que exploram as ligações débeis entre o tempo físico e o tempo mental.

O tempo aparece igualmente como nuclear ao seu conceito pessoal de 'cor do som', uma qualidade visual do som que se vai desvelando ao longo do tempo. Na busca da intensificação deste tipo de experiências, Köner alargou estes conceitos a outros media resultando primeiramente em colaborações com o realizador de filmes experimentais Jürgen Reble, na composição de bandas sonoras para filmes mudos para o Museu do Louvre, e em trabalhos de instalação, fotografia e vídeo.

Köner refere a inexistência de regras para a relação entre imagem e som, mas que na maioria das vezes esta é usada de forma inflacionária empolando a imagem ou a narrativa. Köner tenta trabalhar contra esta inflação, tenta criar o 'audiovisual' de forma que este permita quer à imagem quer ao som expandirem-se na sua própria beleza e poder, pelo alargamento do alcance da atenção e da percepção visual e auditiva de subtilezas e detalhes.

La Barca surge exactamente nesta linha de criação audiovisual. Este trabalho divide-se em doze partes que Köner designa como 'doze horas', mais uma vez aludindo à inapreensibilidade da experiência do tempo. No CD *La Barca*, editado com a chancela do selo francês Fario podemos ler as coordenadas geográficas dos locais correspondentes a cada 'hora' e onde terão sido recolhidos os respectivos sons que estiveram na base do trabalho musical de Köner... Boa viagem!

Mais info:

www.koener.de

<http://www.myspace.com/thomaskoner>

17h345

THE SONS OF GOD [SE], com a peça "New Way"

Local: Casa de Serralves

18h45

JOANA VON MAYER TRINDADE [PT], com a peça "Veleda"

Local: Serralves (Sala Multiusos)

Maria Veleda é o vulto feminino que inspira este solo. O seu nome Maria e a sua conjugação com o nome adoptado de Veleda, uma guerreira de origem germânica, despertam o olhar sobre o percurso intrigante desta mulher. Um solo que parte no encalço dessa transformação, dessa identidade, dessa força interior que brota de uma mulher cuja vida é o exemplo marcante do esforço feminino no início do século XX. O ritmo pulsante do bombo acompanha este solo.

"Maria Veleda revelou-se uma evidência, o ponto de partida para a criação deste solo. Pelo seu percurso de não compromisso que lhe condicionou o fim da vida em pobreza material, em quase indigência e miséria, um facto que deveria pesar sobre todos nós. Pelas significações múltiplas da sua presença histórica, desde a luta política metamorfoseada em opções radicais até à curiosidade da sua dedicação ao esoterismo, em paralelo com posturas sempre avançadas e dissonantes com o seu tempo no que diz respeito à mulher, à família, às relações interpessoais.

Pela lucidez com que analisou os resultados da República por que lutou, após esta se ter implementado, e por perceber a carga de sofrimento e alegria que se gera e paga pelos

sonhos de tornar o mundo mais humano. Pelo modo como a sua crítica sempre incidia sobre os factores de desumanização manifestos nas lógicas do poder e das abstracções que o sustentam, a revolução que se imobiliza em instituições.”

Texto de Joana Trindade

Mais info:

www.centenariodarepublica.pt

21h30

VINCENT DUPONT [FR], com a peça “Haut Cris (miniature)”

Local: Auditório de Serralves

Actor de formação, Vicent Dupont cedo começa a cruzar várias disciplinas, incluindo a dança, o cinema, o vídeo, o texto, as artes plásticas e o som.

Trabalhando como intérprete teatral com Thomas Gennari, Luc Tartar, Hubert Colas e Antoine Caubet, inicia-se na dança com Thierry Niang, Georges Appaix (*F*) e depois Catherine Pouzet (*Der Ozean*). Em 1997 cria com Boris Charmatz *Herses (une lente introduction)* seguido de *Con forts fleuve*. Sucedem-se depois as experiências no cinema e no vídeo.

Em 1999 realiza a sua primeira criação: *Le Verdict*, uma adaptação de uma novela de Kafka para a Académie Expérimentale des Théâtres. Segue-se Jachères Improvisation e colaborações com vários criadores.

Em 2007 ganha o Prix Nouveau Talent Chorégraphie da Société des Auteurs et Compositeurs Dramatiques.

Hauts Cris (Miniature) é um espectáculo que associa o furor interior de um homem do séc XXI ao texto poético selvagem e cruel d’as *Tragédias* de Agrippa Aubigné, calvinista francês do séc. XVI. Jogando com a escala do seu próprio corpo, Vincent apresenta-se nesta peça num cenário-caixa cujos objectos são pequenos demais para ele. O espaço convivial de uma sala de jantar torna-se assim propulsor de tensões espaciais e sonoras consecutivas. A amplificação dos pequenos sons dos movimentos do corpo do intérprete associada à sua voz, apresenta-se como uma espécie de busca da fisicalidade musical do poema calvinista *As Tragédias* de Aubigné - um poema épico sem heróis. A busca é também aqui a procura de um espaço pelo corpo-vector, catalisador do espaço e do som, que nos revela um estado interior próximo da reverberar de um grito.

Partindo da análise das pinturas medievais em “miniatura” Vincent Dupont sublinha o poder do teatro com o seu jogo de perspectivas que nos surpreende pelo alternar entre o espaço tri-dimensional presente e a imagem planificada com que nos deparamos.

Corpo-espaço e corpo-som interagem nesta espécie de dramaturgia da sensação, rigorosa e perturbadora.

23h30

JUSTIN BOND [USA]

Local: Ateneu Comercial

Justin Bond é uma das vozes mais distintas e reconhecidas da cena ‘queer’ da downtown nova-iorquina. Cantor, escritor de canções e performer, Bond foi recentemente descrito como “um lingote de ouro da nova depressão” por Hilton Als no New Yorker. Vencedor dos prémios Obie, Bessie e Ethyl Eichelberger, e nomeado para um prémio Tony, dedicou uma grande parte da sua carreira ao show de cabaret “Kiki and Herb”, durante mais de uma década.

O duo *Kiki and Herb* surgiu em 1992 na Castro Street, interpretando o casal de um pianista octagenário (Kenny Mellman), acompanhante da velha e decadente diva de cabaret Kiki (Justin Bond). Os espectáculos consistiam em reinterpretações de canções conhecidas e monólogos em que a tónica rapidamente passava da crónica pessoal e trágico-humorística, aos comentários políticos acutilantes e à abordagem a temas taboo de forma ousada e provocatória. Este cabaret de espírito punk de *Kiki and Herb* viria a ver o sucesso reflectido numa carreira que passou pela Broadway, Royal Albert Hall, Carnegie Hall, Knitting Factory, Soho Theatre de Londres e pelo próprio Auditório de Serralves, entre muitos outros.

Em 2007, Bond estreou *Justin Bond is Close To You*, uma reinterpretação do clássico álbum dos Carpenters *Close To You*, apresentado como parte da série *Joe’s Pub in the Park* no Central Park e depois na Opera House de Sidney na Australia. Mais recentemente, Justin Bond decidiu abandonar a personagem Kiki para se dedicar à criação das suas próprias canções.

Durante os seus estudos no programa de M.A. em Cenografia na Central St. Martins College of Art and Design de Londres, após ter contacto com as teorias e práticas de ‘world-making performance’ (em que o performer conceptualiza um ‘mundo’ personalizado no seu próprio corpo), Justin Bond percebeu que, com Kiki, havia criado um ‘mundo’ cheio de angústias, raiva e caos, que o absorvia há já muito tempo. Estava pronto para dar um novo passo, que se manifestou com a escrita das suas próprias canções, onde se integrariam o seu próprio ‘mundo’, o seu trabalho, a sua prática artística, e a relação com o mundo exterior e a sua comunidade.

Em 2008, foi aplaudido pela crítica com espectáculo *Lustre* estreado no PS122 na East Village de Nova Iorque, com uma tournée posterior pelo Reino Unido. Em 2009, lançou o seu primeiro EP com músicas originais, é ainda um ‘Emcee’ regular da série de performances *Weimar New York*, apresentada em locais como o MoMA de São Francisco, The Spiegeltent e no Joe’s Pub apresentado no Public Theatre de Nova Iorque. Muitos devem recordar-se ainda da sua prestação no filme de John Cameron Mitchell, *Shortbus*. Para a direcção musical do concerto no Trama, Justin Bond convidou o músico, compositor e produtor Lance Horne, cuja prolífera carreira se estende por vários estilos musicais, do rock ao teatro musical e bandas sonoras para cinema e televisão.

O concerto contará ainda com a participação dos músicos portugueses Eduardo Raon (harpa e guitarra), João Martins (saxofone), Jorge Queijo (bateria) e Pedro Gonçalves (contrabaixo).

Mais info:

<http://justinbond.com/>

00h30

THE SONS OF GOD com o projecto “Drive Chairs” [SE]

Local: Bar Maus Hábitos

01h00

“CÓMEME” Com Matías Aguayo, Rebolledo, Diegors (ARG/MEX/CHI)

Local: Bar Passos Manuel

Cómeme é uma editora latino-americana fundada e dirigida por Matías Aguayo e Gary Pimiento que resultou do projecto de festas de rua Bumbumbox.

“Bumbumbox deu-nos a possibilidade de contactar com muitos músicos e DJs de várias cidades latino-americanas. (...) Não é novidade que a indústria musical atravessa um momento de crise. Cómeme encara esta mudança como uma oportunidade para procurar novos modos e escolhas e ultrapassar o sistema comum de difusão tal como o conhecemos. Por outro lado, assistimos a uma necessidade de mudança na forma de nos relacionarmos com a música e com a sua produção. Para tal começamos a usar as possibilidades oferecidas pelo ‘Web 2.0’, em especial a aplicação ‘Soundcloud’. Isto possibilitou aos artistas fazer upload de ideias e ter acesso às ideias dos seus pares, expressada através do www.myspace.com/musicacomeme

As motivações são as ruas, o sexo, a América do Sul, o swing, a cumbia, a magia, o movimento hip, os sentimentos, a techno, kwaito, a música house, a noite, a champeta colombiana, África, youtube, amor, dançar, viajar, festas e claro, os amigos.”

Texto de Matias Aguayo e Gary Pimiento

Mais info:

www.myspace.com/musicacomeme

CÓMEME TOUR (feat. "INSERT PERFORMERS") é apresentada por CARHARTT.

DOMINGO, 17 OUTUBRO

15h30

BEATRIZ ALBUQUERQUE/ ALBUQUERQUE MENDES [PT], com a peça “Love me Tender”

Local: Hotel Dom Henrique (Bar Panorâmico)

Love Me Tender é uma abordagem a um duo, entre um homem e uma mulher, que percorrem o caminho necessário até ao encontro.

Beatriz Albuquerque nasceu em 1978, Porto. Em 2003 acaba a Licenciatura na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, em 2006 acaba o Mestrado na The School of the Art Institute of Chicago. De 2009 até ao presente, frequenta o Doutoramento na Columbia University em New York com uma bolsa FLAD/Fulbright.

Albuquerque Mendes nasceu em 1953, em Trancoso, Beira Alta. Entre 1975 e 1979, frequentou o Círculo de Artes Plásticas de Coimbra. Participou na Vanguarda Alternativa

Zero em 1977. Em Novembro 2001, na Fundação de Serralves realizou a primeira exposição ontológica "*Confesso*". A segunda, foi no Museu de Arte Contemporânea em Niterói, Brasil, "*Natureza e Crueldade*".

17h00

MARIA LEMOS E TERESA SILVA [PT], com o projecto "A Vida Enorme/La vie en or"
Local: Teatro Helena Sá e Costa

A vida enorme/ La vie en or de Maria Lemos e Teresa Silva consiste numa recriação da peça *A vida enorme/ Episódio 1* de Emmanuelle Huynh, criada em 2003. Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do PEPCC Programa de Estudo, Pesquisa e Criação Coreográfica, que ambas frequentaram, organizado pelo Fórum Dança. Após um período de contacto com a peça, de investigação e exploração, as autoras iniciaram a criação de um objecto performativo, que embora tendo por referência a peça de Emmanuelle Huynh, se constituísse num objecto autónomo que pudesse ser amplamente fruído, mesmo sem conhecimento da obra de referência. A peça torna-se também numa reflexão sobre a recriação, e a possibilidade da apropriação enquanto estímulo para novas abordagens.

Em *A vida enorme/ La vie en or* os dois corpos das autoras procuram viver tudo o mais intensamente possível e superar-se na sua condição. Espicaçadas pelo desejo de excesso, pela ambição, tensionam encontros e descréditos, vão com e contra.

Teresa Silva (Lisboa, 1988) e Maria Lemos (Porto, 1988) tiveram formação em dança e frequentaram juntas o PEPCC Programa de Estudo, Pesquisa e Criação Coreográfica, ministrado pelo Fórum Dança, tendo igualmente interpretado juntas a peça *Bons Sentimentos, Maus Sentimentos* de Vera Mantero, apresentada na Culturgest e no Teatro Helena Sá e Costa.

Mais info:

<http://localacesso.blogspot.com/search/label/Maria%20Lemos>

<http://materiaisdiversos.com/wp/wordpress/>

18h00

PAULO CASTRO/REGINA FIZ [PT/SP], com a peça "Regina contra a Arte Contemporânea"
Local: Sala Estúdio Latino

Esta é uma peça de Paulo Castro com textos de Pinter, Heulleubeuque e Pasolini, com Regina Fiz (Espanha) e Paulo Castro (Portugal). O enigmático e infame travesti madrileno Regina Fiz e o mestre provocador Dr. Ribeiro convidam-nos a contemplar a arte contemporânea. Nesta performance em estilo de conferência, que se apresenta simultaneamente ácida e anárquica, o que inicialmente surge como uma tentativa esforçada de investigar a cultura ocidental depressa se torna numa batalha sado-masoquista de perversões.

Lançando mão de discurso, dança, jogos sexuais paranóicos e manipulatórios, somos levados para um mundo perigoso onde nada é sagrado. Temas como a verdade, o terrorismo e a liberdade sexual são atirados para o público, por uma Regina e um Dr. Ribeiro em aceso debate exploratório sobre uma cultura em crise.

Paulo Castro vive na Austrália em Adelaide depois de ter residido quatro anos em Berlim onde criou espectáculos tais como *Wake up Hate*, *Congratulations*, *B.File* e *Red Sky*.

Na Austrália tem desenvolvido o seu trabalho como encenador e dramaturgo. Estreou recentemente *Superheroes*, criado com Jo Stone que obteve um enorme sucesso nas cidades de Adelaide e Melbourne. Fundou com a Jo Stone Castro Company em 2003 e produziu *B.File* nomeado para Green Room Awards em Melbourne e *Tom the Loneliest*, peça também escolhida para os importantes prémios Australianos Green Room Award. Dirigiu para a companhia Brink productions Footsoldier de Nikki Bloom. Finalizou recentemente o texto intitulado *Underground* para a AC ARTS Adelaide. Em Melbourne participou como performer no trabalho *Black Marrow* da companhia Chunky Move para o Festival Internacional de Melbourne.

Regina Fiz nasceu no Norte de Portugal, de onde emigrou para o Brasil com a sua família aos 6 anos de idade. A adolescência passa-a na vibrante cidade de São Paulo, onde tomou contacto com os movimentos mais alternativos da cidade. Aos 17 anos volta para a Europa, onde se vai tornando numa personagem indispensável das noites de Londres, Lisboa e Madrid. Aproximando-se cada vez mais dos movimentos da Pós-pornografia e da arte Queer - e cada vez menos na noite - tem desenvolvido várias peças a solo e em colaboração, incluindo acções, performances, bem como projectos com fotografia e vídeo

Mais info:

www.stonecastro.com

19h30

BumBumBox [ARG]

Local: Praça dos Poveiros

Bumbumbox é uma festa, durante a noite, em passeios de rua em escadas que levam a sítios em frente à porta de clubes nocturnos, na entrada de um Parque ou na frente de uma obra em construção. Bumbumbox transforma o lugar público numa festa, onde se pode apreciar música e dançar em contextos não convencionais.

O projecto usa música de um leitor de mp3 ligado a um sistema de som portátil. Usa sets de DJs amigos de todo o mundo, que preparam os seus curtos sets em casa e os enviam pela internet. Estes sets são o coração da festa. O contexto não comercial desta forma de celebração permite a liberdade musical e a participação de pessoas de diferentes lugares. Todos contribuem através da sua própria visão para a riqueza e diversidade destas festas. A audiência da Bumbumbox são pessoas que os ouviram de boca em boca ou através de plataformas da internet, como o Myspace, Fotolog,... É importante que pessoas desconhecidas se juntem à festa. Por isso a escolha de espaços que permitem qualquer um juntar-se, dançar e tornar-se amigo. Existe a vontade de usar outras formas de difusão e de abertura a audiências menos standardizadas e seleccionadas. Entrar numa nova relação entre a música e o espaço, as ruas e tudo o que aí pode acontecer, e assim criar novas situações que permitam experienciar algo de novo e mais intenso do que o permitido pelo normal consumo de música num clube permite.

Mais info:

www.myspace.com/bumbumbox